



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

**ALANA DOS SANTOS ANDRADE**

**VIVÊNCIAS DAS MULHERES PESCADORAS E MARISQUEIRAS DO PORTO DO  
AÇOUGUE, MARAGOGIPE-BA.**

**CACHOEIRA  
2018**

**ALANA DOS SANTOS ANDRADE**

**VIVÊNCIAS DAS MULHERES PESCADORAS E MARISQUEIRAS DO PORTO DO  
AÇOUGUE, MARAGOGIPE-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do curso de Graduação em Museologia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do Grau em Bacharelado em Museologia.  
Orientadora: Mrs. Rita de Cássia Salvador de Souza Barbosa

**CACHOEIRA  
2018**

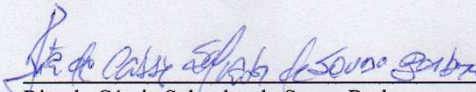
ALANA DOS SANTOS ANDRADE

VIVÊNCIAS DAS MULHERES PESCADORAS E MARISQUEIRAS  
DO PORTO DO AÇOUGUE, MARAGOGIPE-BA

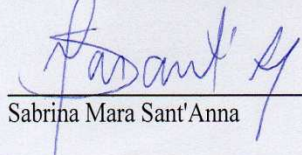
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 7 de março de 2018.

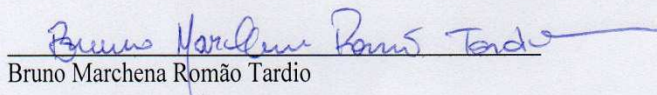
BANCA EXAMINADORA

  
Rita de Cássia Salvador de Souza Barbosa

Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia  
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

  
Sabrina Mara Sant'Anna

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais,  
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

  
Bruno Marchena Romão Tardio

Mestre em Diversidade Biológica pela Federal do Amazonas  
Pesquisador no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, por terem me abençoado sempre, me dando forças para chegar até aqui e por me lembrar de que sempre sou mais forte do que penso, pois sem Eles nada disso seria possível.

Aos meus pais, que me deram o dom mais precioso do universo: A VIDA! Inspiram-me a certeza de sua presença e a segurança de seus passos, guiando os meus. Se eu pudesse fazê-los eternos... Eternos eu os faria. A vocês, não mais que com justiça, dedico essa Vitória.

Aos meus irmãos, a meu namorado, minha avó, tias, tios, primos, demais familiares e colegas, que compartilham comigo todos os momentos de felicidade, fica aqui a minha gratidão.

Quero agradecer de uma forma especial a minha orientadora, Mrs. Rita Salvador, que durante todo esse tempo de orientação, nunca se esquivou em me ajudar, sempre atenta e disposta em tirar todas as minhas dúvidas. Obrigada por tudo! Ao Mrs. Bruno Tardio e Dra. Sabrina Sant'anna deixo minha gratidão por terem aceitado o convite de participarem da minha banca de defesa.

Agradeço também a todas as marisqueiras e pescadoras do Porto do Açougue, de modo especial a Rosângela, minha mãe, (que foi a Mulher que me inspirou para a escolha desse tema de trabalho) que contribuíram e foram as principais fontes na construção desta monografia.

Enfim, aqueles que eu escolhi e acolhi em minha vida, obrigada por terem acreditado em meu potencial, pelos incentivos sempre que precisei, encorajando-me e impulsionando-me a lutar contra minhas dificuldades, me fazendo enxergar que tudo é possível. VALEU A PENA, VENCI !!

***Avança para águas mais profundas, e lançai vossas redes para a pesca. Lc 5:4***

## RESUMO

ANDRADE, Alana dos Santos. **Vivências das Mulheres Pescadoras e Marisqueiras do Porto do Açogue, Maragogipe-Ba.**2017.2. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –Bacharelado em Museologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira-Ba, 2017.

O presente trabalho fala sobre as vivências das pescadoras e marisqueiras, na sua grande maioria, mulheres negras, usando como referência suas próprias memórias e considerando como agentes transformadores do seu espaço. Trata-se da observação do cotidiano das Pescadoras e Marisqueiras em seu local de trabalho, seus conhecimentos adquiridos nestes espaços, indicando a representação como cenário de vida e trabalho, bem como, um mediador na transmissão desses conhecimentos. Tem como objetivo abordar as Vivências das Mulheres Pescadoras e Marisqueiras – Mulheres que vivem da pesca artesanal, principalmente dos mariscos para o sustento da sua família, no consumo e comercialização. Apresentando uma abordagem incluindo pesquisa de campo, bibliográfica e entrevista com as marisqueiras e pescadoras locais, com a finalidade de saber sobre suas vivências no manguezal e as experiências adquiridas ao longo dos anos.

**Palavras-chave:** Marisqueiras. Pescadoras. Manguezal. Vivências.

## **LISTA DE FIGURAS**

|                  |  |    |
|------------------|--|----|
| <b>Figura 1</b>  | Mapa satélite do município de Maragogipe-Ba                | 10 |
| <b>Figura 2</b>  | Manguezal do tipo branco, encontrado no Porto do Açougue   | 16 |
| <b>Figura 3</b>  | Caule do manguezal, encontrado no Porto do Açougue         | 17 |
| <b>Figura 4</b>  | A fauna, o solo e a água                                   | 18 |
| <b>Figura 5</b>  | Manguezais cortados devido avanço populacional             | 24 |
| <b>Figura 6</b>  | Aterramento dos manguezais para construção de casas        | 24 |
| <b>Figura 7</b>  | Manguezal, um Patrimônio dos moradores do Porto do Açougue | 27 |
| <b>Figura 8</b>  | Mapa satélite da RESEX                                     | 30 |
| <b>Figura 9</b>  | Rosangela no mangue coletando sururu                       | 42 |
| <b>Figura 10</b> | Rosangela no mangue coletando sururu                       | 43 |
| <b>Figura 11</b> | Rosenilda e seu filho tirando peixe da rede                | 46 |
| <b>Figura 12</b> | Rosenilda tirando peixe da rede                            | 46 |
| <b>Figura 13</b> | Jucilene tirando os peixes da rede                         | 49 |
| <b>Figura 14</b> | Jucilene passando rede, após a pescaria                    | 49 |

## LISTA DE SIGLAS

|        |   |
|--------|---|
| APA    | Área de Proteção Ambiental  |
| BTS    | Baía de Todos os Santos   |
| CNPT   | Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais |
| CPP    | Conselho Pastoral dos Pescadores  |
| EP     | Educação Patrimonial  |
| IBAMA  | Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis      |
| IBGE   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                           |
| ICMBIO | Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade                   |
| REM    | Reservas Extrativistas Marinhas   |
| RESEX  | Reserva Extrativista  |
| UICN   | União Internacional para Conservação da Natureza                          |

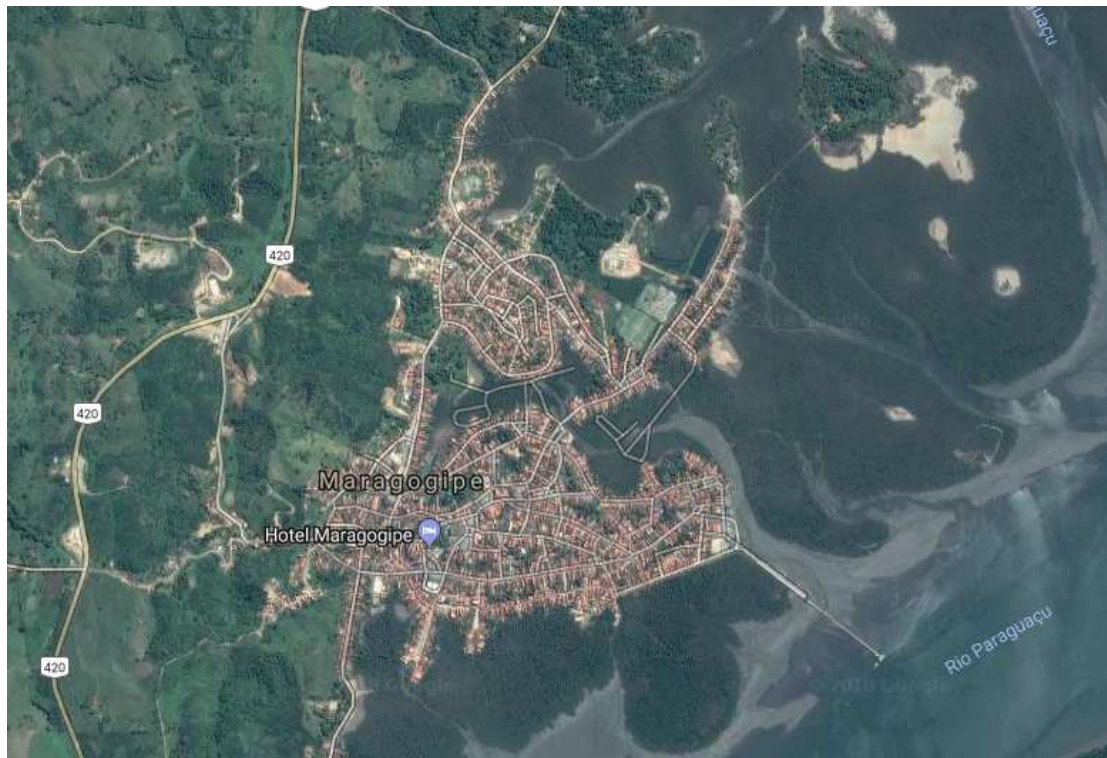


## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1-INTRODUÇÃO</b> .....                                  | 10 |
| <b>2- Capítulo I</b> .....                                 | 16 |
| 1.1- Os Manguezais, berçários marinhos.....                | 16 |
| 1.2 – A importância ecológica dos manguezais .....         | 20 |
| 1.3- Degradação ambiental do ecossistema .....             | 22 |
| 1.4- Manguezal como Patrimônio Cultural e Ambiental .....  | 26 |
| 1.5- O estuário e a RESEX Marinha Baía do Iguape .....     | 29 |
| <b>3- Capítulo II</b> .....                                | 34 |
| 1.1-Pesca e Mariscagem .....                               | 34 |
| 1.2-Mulheres na Pesca .....                                | 35 |
| 1.3- Vivências das Mulheres Marisqueiras e Pescadoras..... | 38 |
| <b>4- Considerações Finais</b> .....                       | 50 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                   | 52 |

## 1-INTRODUÇÃO

**Figura 1- Mapa satélite do município de Maragogipe-BA**



**Fonte: Google maps**

O Município de Maragogipe fica localizado no Recôncavo Sul Baiano, ao fundo da Baía de Todos os Santos e situado à direita do estuário do Rio Paraguaçu, onde se formou uma Baía interna, a Baía do Iguape. Distante cerca de 130 quilômetros da capital, Salvador, Maragogipe tem origem na etnia indígena Aimoré, onde habitavam nas margens do Rio Guai. Localizado no ponto de encontro entre os rios Guai e Paraguaçu, o Município forma uma grande região de lagamar rodeado por 30 quilômetros de manguezais, com aproximadamente 30 metros de largura, que representam uma das principais fontes de renda da maioria populacional.

Algumas comunidades pesqueiras vivem em um verdadeiro mutualismo com o manguezal, tendo uma ligação básica com o ambiente em que trabalham para tirar o próprio sustento. Essa relação é tão exorbitante que Andrade (1993) afirmou que existe uma “civilização do mangue”, denominando as populações ou comunidades que vivem em contato íntimo com o manguezal, onde os pescadores e as marisqueiras detêm o conhecimento e o saber fazer,

relacionados com o trabalho e função do ecossistema a que estão interligados. Então, trata-se do modo de vida de um povo onde as atividades econômicas, sociais e culturais dependem principalmente da existência do manguezal (Diegues, 1990).

Este mutualismo que as comunidades pesqueiras vivem, é considerado como interação ecológica interespecífica que ocorre de forma opcional e harmoniosa, entre diferentes espécies de organismos encontrados no manguezal, sem que haja prejuízos ou danos, para as espécies envolvidas. O homem depende do manguezal para tirar seu sustento e o manguezal depende do homem no que refere as formas de manejo e do seu uso tradicional, essas pessoas que trabalham nesses espaços, lutam por sua preservação e conservação, impedindo a poluição e destruição do ecossistema causada pelo homem, tendo uma necessidade maior, cada vez mais, de ir buscar informações de como cuidar dessa biodiversidade, atribuindo as mesmas às suas práticas diárias, com relação à exploração das espécies ali habitadas.

Na verdade, o manguezal é importante para a economia de subsistência de várias comunidades do Recôncavo Baiano, porque a avaliação potencial desse rico ecossistema como recurso natural renovável, pode servir como suporte para organização das atividades de pesca e mariscagem, já que essas comunidades são áreas de alta produtividade biológica garantida pela presença de todas as junções da cadeia alimentar (Schaeffer-Novelli, 1989).

Os ambientes estuarinos e manguezais, em benefício da sua vasta biodiversidade, funções ecológicas, importância social e econômica, vêm abrangendo uma importante atividade pesqueira em todo litoral brasileiro, favorecendo a sobrevivência das comunidades pesqueiras dentro desses espaços e a construção constante dos conhecimentos sobre a paisagem direcionada para as práticas laborais e avaliando constantemente as estratégias e as técnicas utilizadas na pesca diante de mudanças ambientais e dos sistemas de pesca em si (COSTA-NETO, 2000; RUDDLE, 2000; DREW, 2005).

Segundo Cunha (2003), os pescadores possuem um conhecimento sobre os ecossistemas dos quais eles fazem parte e sobre a vasta diversidade das espécies que habitam nesses espaços, formando um patrimônio que o modernismo não pode desprezar para a conservação da vida no planeta.

Contudo, essas populações que vivem próximas aos manguezais, aproveitam para botar em prática esses conhecimentos empíricos que foram transmitidos entre as gerações, e, ao longo dos anos, essa mesma população foi aprimorando esses conhecimentos e passando para os demais membros da comunidade. Machado Guimarães (1995) diz que todos os grupos culturais conhecem o mundo ao seu redor, englobando informações e observações diretas e atuais, além dos saberes reunido pelos antepassados e transmitido entre as gerações pelos mais diversos meios culturais. A autora ainda salienta que a atividade de pesca artesanal exige que os pescadores e as marisqueiras tenham conhecimento etnológico, para facilitar o uso dos recursos pesqueiros que garantem a sustentabilidade desta prática.

O manguezal é um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, característicos de regiões tropicais e subtropicais e sujeito ao regime das marés. Ocorre em regiões costeiras abrigadas como estuários, baías e lagunas, e apresenta condições propícias para a alimentação, proteção e reprodução para muitas espécies animais, sendo considerado importante transformador de nutrientes em matéria orgânica e gerador de bens e serviços (Schaeffer-Novelli 1995).

Dentre os inúmeros papéis importantes dos manguezais, podemos destacar que eles são grande exportador de matéria orgânica para o estuário, além de contribuir para a produtividade primária na zona costeira; É no mangue que os peixes, moluscos e crustáceos encontram as condições ideais para reprodução, berçário, criadouro e abrigo para várias espécies de fauna aquática e terrestre, de valor ecológico e econômico; Os manguezais produzem mais de 95% do alimento que o homem captura do mar; Sua manutenção é vital para a subsistência das comunidades pesqueiras que vivem em seu entorno.

Apesar da importância ambiental dos manguezais, esse ecossistema está em risco, sujeito às mais variadas formas de perturbação antrópica, sendo as principais: extrativismo, aterros, drenagens, lixões, construções de portos e empreendimentos imobiliários, agricultura e poluição, tanto industrial, como urbana (Amaral Zacagnini *et al.*, 2010).

Esses ambientes, ao serem destruídos, poderão recompor-se naturalmente em condições propícias, longe da ação antrópica ou quando cessar o tensor

responsável pela degradação (Panitz, 1997). Porém, nem sempre a regeneração natural é suficiente para sanar problemas ou salvar manguezais degradados. Segundo Schaeffer-Novelli (1995), “em muitos casos deve-se remodelar e/ou induzir a recomposição plantando espécies dominantes, através de semeadura ou transplante de mudas, na área que se pretende restaurar”.

Em específico, pode-se observar e ressaltar os maiores degradantes que estão no complexo lagunar da baía do Iguape, onde está localizado o Município de Maragogipe. Como destaque, podemos citar a construção de uma barragem para gerar energia elétrica, os dejetos de esgoto doméstico e sem tratamento, que de forma irregular são jogados no manguezal, o desmatamento da vegetação decorrente do crescimento populacional e a construção de um polo naval.

A RESEX, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Falar sobre as mulheres negras, sobretudo que trabalham nas marés, dentro de uma reserva extrativista, é de extrema importância, não somente pelo fato de evidenciar e expandir os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, como também, pelas observações feitas sobre o cotidiano de cada uma delas e a relação que elas têm com o meio ambiente em que trabalham.

Vale ressaltar que, o uso do termo “pescadoras”, neste trabalho, é tendo como referência às mulheres que trabalham na maré, pelo fato delas realizarem a atividade da pesca, além da mariscagem, e que a atividade da pesca vai desde os preparativos iniciais, como preparar os utensílios utilizados, à atividade da pesca e cata, e consumo ou venda dos produtos.

A noção que as mulheres pescadoras e marisqueiras têm da propagação do seu trabalho, forma uma corrente de aprendizados que se espalham no espaço em que vivem. Nesses espaços vivem as mulheres marisqueiras e pescadoras, com uma dupla jornada diária de trabalho, muitas delas são mães,

donas de casa, trabalhadoras que fazem de suas vidas motivos de ensinamentos e espelhos, se alastrando através das experiências vivenciadas e das memórias na Baía do Iguape.

As pescadoras e marisqueiras do Porto do Açougue enfrentam dificuldades decorrentes da realidade habituada de uma reserva extrativista. Essas mulheres carregam uma bagagem de saberes dos seus antepassados, os quais são eternizados pela transmissão de tradições. A figura feminina tem uma participação muito importante nessa transmissão, pois, ela estimula um cuidado maior com o meio ambiente natural, reforçando os laços de cuidados que as pessoas devem ter com o meio ambiente.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa no período compreendendo entre os meses de Outubro de 2017 e Janeiro de 2018, sobre as Vivências das Mulheres Pescadoras e Marisqueiras do Porto do Açougue, no Município de Maragogipe-Ba. A escolha desta comunidade para o presente trabalho se deu em função da pesquisadora ser moradora da localidade, filha de marisqueira, ter crescido indo junto com sua mãe para a maré, onde também aprendeu os ofícios ali exercidos pelas marisqueiras vizinhas. É por esse sentido, que qualquer pessoa que faça ou exerça um trabalho prático, deve realizar pesquisa de campo na base, buscando informações oraisdaqueles que de fato atuam no exercício prático. Durante todos esses anos de convivência com essa comunidade que está inserida na RESEX Marinha Baía do Iguape, participou das jornadas de mariscagem e pescaria, dialogando com as marisqueiras e pescadoras sobre a vida e o cotidiano delas, observando como eram transmitidos os saberes tradicionais e as técnicas usadas nas atividades de pesca e mariscagem. É esse elo de cotidiano que une as extrativistas. Essas extrativistas compartilham os saberes, e, contudo, esses compartilhamentos são passados no convívio entre os mais velhos e os mais novos. Além disso, no decorrer da realização da pesquisa, foi observado que a oralidade é presente no universo cognitivo.

A metodologia empregada, primeiro na estruturação da pesquisa de campo, é baseada na realização de entrevistas semi-dirigidas junto às mulheres pescadoras e marisqueiras legalmente cadastradas na Colônia dos Pescadores Z-7 de Maragogipe, que residem no bairro do Porto do Açougue, onde elas puderam relatar nas entrevistas suas vivências no manguezal. No total, foram

entrevistadas nove pescadoras e marisqueiras, todas residem e trabalham nessa comunidade. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de análise do conteúdo que foram usados na elaboração deste trabalho. Além dos dados coletados a partir das entrevistas, foram utilizadas também outras fontes secundárias, como pesquisas bibliográficas sobre os temas abordados neste trabalho, consultas de dados em instituições e sites públicos, como o IBAMA e ICMBIO, registros fotográfico e documental no bairro acima citado.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de dar maior ênfase as vivências diárias exercidas por mulheres pescadoras e marisqueiras do Porto do Açougue. É importante falar sobre a inserção da mulher na pesca, porque muitas vezes elas realizam esse trabalho sem ter o merecido reconhecimento e muito menos seus direitos devidos. De certa forma, todas elas reconhecem sua função de pescadora, mesmo que seja uma atividade com grau de invisibilidade, vista por alguns. Essas mulheres que trabalham na maré da Baía do Iguape são consideradas como pescadoras mesmo sem possuir algum tipo de embarcação, pois, a partir das experiências vividas durante as jornadas diárias em busca do sustento, essas mulheres assumem o comando na criação de seu espaço de vivências no trabalho nas marés e vem trilhando seu caminho, buscando melhores condições de vida.

Esta pesquisa se fez possível através das narrativas das mulheres pescadoras e marisqueiras que deram rumo às reflexões, que como diz Ferreira (1996:31-33), atuam como um tipo de ponte entre a teoria e a prática, estando imersas em histórias despertadas pela memória. Nessas memórias, cria-se a facilidade de tornar permanentes as vivências dessas mulheres, suas experiências de trabalho e de vida que se estimulam dia após dia.



## 2- Capítulo I

### 1.1- Os Manguezais, berçários marinhos.

**Figura 2- Manguezal do tipo branco, encontrado no Porto do Açougue**



**Fonte: Alana Andrade**

“Geralmente, as palavras manguezal, manguezais ou mangais são usadas para indicar extensas áreas de florestas de mangues” (VANNUCCI, 2002, p.33). Enquanto a palavra mangue refere-se às diversas espécies de árvores existentes no manguezal. O manguezal pode ser compreendido como,:

**“Ecosistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestres e marinho, característicos de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés. É constituído de espécies vegetais lenhosas típicas (angiospermas) além de micro e macro algas (criptógamas), adaptadas a flutuação de salinidade e caracterizadas por colonizarem sedimentos predominantemente lodosos, com baixos teores de oxigênio. Ocorre em regiões costeiras abrigadas e apresenta condições propícias para alimentação, proteção e reprodução de muitas espécies animais [...]” (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995, p.7).**



Segundo Tomlinson (1996) o termo “mangue”, no entendimento ecológico, refere-se à vegetação que forma o ecossistema “manguezal”, associado ao complexo de áreas úmidas sobre influência das marés, que são compostas pelas florestas de mangue, planícies salinas, dentre outros habitats associados na zona entre-maré..

**Figura 3- Caule do manguezal, encontrado no Porto do Açougue**



**Fonte: Alana Andrade**

Os complexos que formam o estuário-manguezais são ecossistemas costeiros de transição entre a terra e o mar, considerados relevantes por uma infinidade de aspectos composicionais e práticos, sendo de cunho ecológico, socioeconômico ou geomorfológico. Estes ecossistemas se distribuem nas zonas tropicais e subtropicais, onde assentam em diversidades biológicas e funcionais, bem como seus usos e manuseios pela população humana (DIEGUES, 1990; SCHAEFFER-NOVELLI, 1995; BARBIER, 2007).

**“O ecossistema manguezal é uma dádiva das marés. É uma formação entre-marés com limites superiores e inferiores distintos, que atingem seu melhor desenvolvimento em locais de marés moderadas, nem muito altas nem muito baixas; em áreas onde a**

planície costeira tem um declive suave e é regularmente inundada pelas marés; onde a temperatura da água não cai abaixo de 17-18°C no inverno e onde existe abundante suprimento de nutrientes do escoamento superficial e da água do mar costeiro” (VANNUCCI, 1999, p.55.)

“mangue, além de ser utilizado para identificar os tipos de árvores [...], pode ser também utilizado para se referir ao conjunto delas, ou seja, a vegetação como um todo [...] ou também para designar a associação entre a vegetação e a lama” (SOUTO, 2004, p.40).

As características dos manguezais podem ser aglomeradas em seus componentes, funções e propriedades. Componentes esses de sustentações bióticas e abióticas, englobando a fauna e a flora, o solo e a água, com grande diversidade de plantas, invertebrados e alguns vertebrados que passam temporadas específicas de seus ciclos de vida ou até mesmo a vida toda, nos manguezais, que são considerados como “berçário” para inúmeras espécies, dando condições para sua alimentação, proteção e reprodução, formando um conjunto de cadeia alimentar (ROBERTSON e DUKE, 1990; ROBERTSON *et al.*, 1992; BARBIER *et al.*, 1997; VANNUCCI, 1990; WALTERS *et al.*, 2008).

**Figura 4- A fauna, o solo e a água**



**Fonte: Alana Andrade**

Os componentes dos manguezais interagem e se expressam com base nas funções e nos serviços que envolvem esse ecossistema. A esses

ecossistemas são atribuídos uma variedade de suportes, que estão vinculados a eles mesmos, como abastecimento, regulação e serviços culturais. Proteger a linha da costa contra invasões do mar ou inundações, controle da erosão da costa e dos rios, reciclagem de nutrientes, manutenção da biodiversidade e a conservação de florestas e recursos pesqueiros, são alguns dos exemplos de suporte e serviços de regulação e funções atribuídos a esses ecossistemas, dando auxílio à zona costeira e as pescarias em geral (THOM, 1968; LACERDA, 1999; RÖNNBÄCK, 1999; DIEGUES, 2010<sup>a</sup>; BARBIER *et al.*, 1997).

A fauna que compõe os manguezais apresentam resistência a temperatura e dessecação, atividade de regulação osmótica, respiratória e uma natureza característica da reprodução (SCHAEFFER-NOVELLI *et al.*, 2000; ODUM, 2004). As espécies florísticas dos manguezais apresentam adequações morfofisiológicas que são partes da sobrevivência neste espaço, porém com limitações e condições adversas, como raízes adventícias, pneumatóforos, caules de sustentação, e mecanismos para a eliminação de sal, etc (AQUASIS, 2003).

A biota faunística dos ecossistemas manguezais, é bem diversificada, apresenta formas microscópicas, peixes, aves, e mamíferos, colonizando sedimentos, raízes, águas, troncos e copas das árvores, que tem origens nos ambientes marinhos e terrestres (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995).

O litoral brasileiro, munido de 7804 quilômetros em extensão, aloja manguezais divididos em uma faixa de cerca de 6800 quilômetros de costa, indo desde o Rio Oiapoque, no Amapá, até a Praia do Sonho, em Santa Catarina, assim formando uma grande fauna e flora, de alta relevância (LACERDA, 1999; SCHAEFFER-NOVELLI, 1995). Segundo dados da União Internacional para Conservação da Natureza – UICN (1983), existem cerca de 25000km<sup>2</sup> de manguezais, o que compõe a maior área de extensão de manguezais do mundo.

Na região do Nordeste, nos lugares onde os regimes de mesomarés (maré que apresenta amplitude entre dois e quatro metros) e micromarés (variação da maré menor que dois metros) são específicos, há maior incidência da ação de cinturões de ventos a NE e SE. Esses efeitos juntos com os regimes de ondas e marés formam ambientes fáceis fluviais que são dominados por sistemas de barreiras, a exemplo das dunas (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995) com as áreas de influência fluvial, com presença de mangues ocorrendo nas pequenas extensões.

Os manguezais do Nordeste são de baixo porte; suas florestas estão desenvolvidas como finas franjas ao longo dos estuários, lagoas e deltas, compostas pelas espécies vegetais dos gêneros *Rhizophora*, *Avicennia*, *Lagunculariae* e *Conocarpus* (LACERDA, 1999; CITRÓN e SCHAEFFER-NOVELLI, 1983).

De acordo com Lacerda (1999), os manguezais do Brasil possuem grande importância socioeconômica desde os tempos coloniais, onde predominava a exploração da retirada de madeira e a principal fonte de recursos naturais e sobrevivência para as populações caiçaras.

Segundo Diegues (1991), até as primeiras décadas do século XX, os ecossistemas dos manguezais no Nordeste do Brasil eram explorados de forma acentuada, usufruídos através das atividades de pesca e mariscagem, retirada de madeiras para construção de casas e cercas, construção de “viveiros” de peixes nas áreas estuarinas e utilização dos galhos de mangues para construir habitats para os peixes.

## 1.2 – A importância ecológica dos manguezais

Algumas áreas da ciência procuram estudar o conhecimento de comunidades tradicionais sobre o meio ambiente, o que revela um retrato da população e de sua visão do mundo (ALBUQUERQUE e ALBUQUERQUE, 2005).

A etnociência vem se constituindo, no panorama científico, em um diálogo frutífero entre as ciências naturais e as ciências humana e sociais (NISHIDA, 2005). Neste campo de saber se destaca a etnobiologia por tratar das percepções, incluindo o estudo dos tipos e usos dos recursos biológicos e a lógica subjacente à sua classificação elaborada por seres humanos em relação ao meio ambiente (BEGOSSI e FIGUEIREDO, 1995).

Os manguezais são considerados os ecossistemas marinhos mais fecundos, habitados por diversos mariscos e peixes, servindo também como fonte de alimentos para os mamíferos aquáticos e as tartarugas marinhas. Os estuários abrigam uma vasta cadeia produtiva de vida, permitindo habitação e locais de reprodução das mais variadas espécies (CORSON, 1996). Além disso, os



manguezais são constantes portadores de matéria-orgânica que sustentam a vasta biodiversidade das regiões circunvizinhas (ODUM; HEALD, 1975).

O ecossistema manguezal sofre ações fluviomarinhas, manifestam vegetações de locais salobros e apresentam características arbóreas e arbustivas. São encontrados em quase todo litoral brasileiro, com maiores concentrações entre o litoral norte e o sudeste, praticamente esses ecossistemas desaparecem a partir do sul da ilha de Santa Catarina, porque é uma vegetação característica de litorais tropicais (AB'SABER, 1984).

Os mangues fornecem alimentos que servem de ajuda para o desenvolvimento da vida animal, pois, a maior parte da fauna desses manguezais tem alimentos para as mais variadas espécies de crustáceos, peixes e moluscos. Já a vegetação dos manguezais, como diz FROTA-PESSOA et. al., (1971), a vegetação do mangue alcança porte arbóreo e a madeira pode ser usada para construção civil, combustível para tingir e dá mais resistência as linhas de redes de pesca, já que a casca do mangue é rica em tanino.

Desde a pré-história os homens vêm explorando os manguezais, aproveitando seus usos através da exploração por meios artesanais. Apesar de esses espaços serem bastante explorados, eles também são considerados bastante frágeis e sofrem diversas pressões com altas taxas de degradações.

De acordo com o autor Milton Santos (2002), a paisagem pode ser definida como um conjunto de formas, que historicamente evidencia as heranças posteriores das relações entre o homem e a natureza, sendo assim, o autor considera a paisagem transtemporal, pois reuni objetivos do passado e do presente em uma criação transversa.

Um artigo publicado pela Dra. Cathérine Prost, em 2010, nos dá um exemplo da referente situação do manguezal e da RESEX Marinha Baía do Iguape, onde a área de estudo está inserida.

**“O manguezal representa um ecossistema costeiro extremamente importante para a vida, em razão de suas diversas funções ecológicas. Situado preferencialmente na foz de um rio, estuário ou até em linha da costa, o manguezal cumpre muitas funções, tais como retenção de sedimentos e matéria orgânica, proteção das margens, berçário e viveiro de diversas espécies da ictiofauna, como também de espécies de anfíbios e de aves. Ele ainda se revela importante para a conservação de recifes de coral, localizados a dezenas de quilômetros dos manguezais. Essa riqueza, expressa entre as mais altas produtividades primárias, do ponto de vista**

biológico, serve de base para as práticas sociais e o conseqüente sustento de numerosas populações costeiras, no mundo e no Brasil, tal como é o caso na Baía do Iguape. Nela, encontram-se 20 comunidades, agrupando cerca de 20.000 pessoas vivendo da pesca artesanal, segundo os agentes do Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), que trabalham na região do Recôncavo Baiano. A RESEX marinha abriga a atividade de pesca artesanal, que se caracteriza, dentre outros fatores, por capturas multe espécies. De faro, peixes variados de água salobra e salgada, compõem a dieta e a base da renda dos extrativistas, assim como crustáceos, como camarão, e moluscos diversos (sururu, ostra, sarnambi etc)”. (PROST, 2010. p.55).

As atividades tradicionais exercidas no decurso da costa brasileira estão sendo atingidas diretamente por conta de mau uso dos manguezais (SCHAEFFER-NOVELLI, 2003) impulsionados no Nordeste a partir de meados de 1950, com a chegada das instalações de salinas e atividades de aquicultura nas áreas dos manguezais e a constante pressão causada pelo crescimento industrial e imobiliário, a exemplo dos polos industriais e minero metalúrgicos (MAIA et al., 2006). Essas atividades vêm reduzindo as áreas de manguezal e a mutação dos complexos estuarinos e isso pode está provocando a redução dos habitats de alguns animais, trazendo conseqüências como grande disputa pelo alimento e predação entre as espécies, ajudando no aumento da curva de mortalidade das espécies importantes para a subsistência das comunidades tradicionais que vivem na zona costeira (BRASIL, 2002).

### 1.3- Degradação ambiental do ecossistema

A degradação do ecossistema é bastante visível, desde a poluição do ar, do solo e da água, pois, estes trazem inúmeros riscos para os seres vivos que ali habitam.

Partindo deste princípio, (VIEIRA, 2006, p.36), afirma,:

**“Toda e qualquer ação humana que afete, direta ou indiretamente, no todo ou em parte o meio ambiente pode ser definida como impacto ambiental. No caso da água, o primeiro e mais significativo impacto é a visão da propriedade que o ser humano estabeleceu: *somos donos da água e ponto final*. Vemos a água como uma mercadoria ou como bem sempre disponível, esquecendo-se de sua função principal na natureza. Por essa razão ou por falta de conhecimento, simplesmente nos permitimos usá-la ou poluí-la de diversas formas e acima do seu limite”.**

Assim, as águas marinhas estão sendo poluídas demasiadamente por esgotos residenciais e das grandes indústrias, a exemplo dos plásticos, metais, vidros e até mesmo pelo dióxido de carbono, que após ser lançado pelas águas de lastro, é absorvido pelos oceanos. O acúmulo desses materiais citados, vão se juntando nos mares e manguezais, prejudicando a vida dos seres vivos que habitam esses espaços estuarinos.

O estuário é um ambiente aquático de transição entre o rio e o mar, apresentam fortes variações ambientais e sofrem influência das marés, desde as águas doces próximas da cabeceira, e águas salobras e marinhas, próximas da sua desembocadura (ODUM, 1988).

Essa zona estuarina atua como ambiente de união para os animais que ali se deslocam, pelo fato de ser um complexo com relação mar e rio, levando em conta suas necessidades como alimentação, crescimento, reprodução e proteção (BRAGA, 2000). Apesar da grande importância, estes ecossistemas vêm sendo alvo do aumento da ação antrópica, atingindo a qualidade dos organismos que utilizam estes ambientes e comprometendo a saúde do ecossistema de modo geral, principalmente quando este está próximo das áreas urbanas (CITRÓN; SCHAEFFER-NOVELLI, 1983).

Uma ação antrópica é toda atividade humana que interfira de alguma forma nos utensílios naturais do funcionamento do ecossistema ou de uma unidade ecológica (PILIACKAS et al., 2000). A frequência constante dos homens nos ecossistemas costeiros aumenta a degradação nestas áreas, e também a valorização econômica influencia este problema.

O avanço populacional em áreas urbanas tem uma grande influência para o impacto ambiental. Conforme a resolução nº 01/86 do CONAMA, considera-se impacto ambiental: “Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; a qualidade dos recursos ambientais”.

**Figura5- Manguezais cortados devido avanço populacional**



**Fonte: Alana Andrade**

**Figura 6- Aterramento dos manguezais para construção de casas**



**Fonte: Alana Andrade**

Conforme a característica ambiental dos estuários existe uma grande proteção do acúmulo dos resíduos, nos quais podem se acumular sobre o sedimento, ficar presos ou suspensos nos galhos e nas raízes dos mangues. Segundo SILVA (1996), o turismo é a movimentação que mais provoca destruição



nas áreas estuarinas, fato atribuído a exploração imobiliária, o que ocorre através dos desmatamentos e aterros, gerando grande impacto ao ecossistema.

**“As cidades costeiras se converteram em núcleos de grande aglomerações em decorrência do turismo, do desenvolvimento de centros de lazer e das instalações esportivas. Estão se urbanizando áreas de praias para construção de casas e edifícios e, diariamente, essas cidades produzem enormes quantidades de esgotos que acabam no mar [...]”. (PUENTE et al., p.187).**

Em decorrência da atual destruição desses habitats, da perda da biodiversidade e a sobrepesca para estoques pesqueiros, é de extrema importância o conhecimento do processo de intervenção e os impactos que ocorrem nos ecossistemas marinhos e estuarinos, principalmente por aquelas pessoas que sobrevivem ou se beneficiam desses espaços, porque são áreas de berçário de múltiplas espécies, que servem de base para a manutenção destes ecossistemas ecológicos aquáticos e circunvizinhos. É importante que essas pessoas oriundas da pesca e mariscagem, saibam quais são as fontes e os tipos de poluição dos mares e manguezais, pois, a partir daí, eles se tornam conscientes, passíveis conhecedores dessas fontes poluidoras, as origens e as causas e consequências para a degradação.

**“Diferente da poluição causada pelos afluentes, que pode vir do ralo, da cozinha, do banheiro, a poluição difusa vem de tudo que está no ambiente, de todo tipo de resíduo não orgânico. Uma embalagem de agrotóxico esquecida no chão, a graxa ou o óleo de um automóvel, o combustível vazando dos postos de gasolina, as garrafas de plásticos jogadas por aí, os papéis e outros tipos de lixo que se acumulam nas ruas, as partículas de poeira e de outros materiais que contaminam o ar e refletem na formação da chuva ácida, entre tantas outras formas de poluição causadas pela presença do ser humano, contribuem para formar a poluição difusa em um determinado ambiente. Tudo que acaba sendo levado para dentro de uma represa ou manancial, pela ação do vento, da chuva ou de outro agente, afeta a qualidade da água”(VIEIRA, 2006, p.40).**

Os detritos oriundos dos plásticos são grandes ameaças para os ambientes marinhos, pois, estes resíduos são os materiais mais encontrados no ecossistema, pelo fato de serem leves, as correntes marinhas levam esses detritos para os manguezais e mares, isso gera grande ameaça para a biodiversidade, tendo em vista que esses materiais levam muito tempo para serem degradados.

Tendo em vista que a poluição nesses ambientes podem se tornar graves, a Constituição Federal de 1988, no artigo 225 afirma que as condutas e atividades lesivas ao ambiente “sujeitarão aos infratores, pessoas físicas ou jurídicas, os sanções penais e administrativos, independentes da obrigação de reparar todos os danos causados”.

#### 1.4- Manguezal como Patrimônio Cultural e Ambiental

O homem enquanto ser social que atua no ambiente realiza cultura capaz de se concretizar em conjuntos, podendo construir patrimônios culturais. Mas, no meio desse ambiente, enquanto espaço de atividades e relações humanas, existem atos positivos e negativos, que causam destruições ambientais, e essas ações no manguezal tem sido muito comum nos dias atuais.

No contexto social atual, a degradação dos manguezais tem sido permanentes, sendo necessárias intervenções da Educação Patrimonial para favorecer as correlações do meio ambiente natural com o social, num sentido de priorizar a sustentabilidade socioambiental.

Por sua vez, a Educação Patrimonial (EP), é um processo de educação direcionado para o Patrimônio Cultural. A EP tem como papel, favorecer a leitura e interpretação do ambiente, com enfoque sócio-cultural-histórico-temporal (JESUS; PACHECO; JESUS, 2008).

Os manguezais também são objetos de degradações, pois, sofrem ameaças das populações litorâneas, e, principalmente por ações destrutivas, referentes ao uso desordenado desse ecossistema. A iminência dos manguezais de comunidade devem ser monitoradas e acompanhadas de práticas de cidadania, para que a população valorize a conservação desses espaços, que é item ambiental e cultural, de significados imensuráveis.

Esses tipos de ameaças sobre os manguezais foram observadas no local de estudo durante a pesquisa. Também foi observado que não houve nenhum tipo de fiscalização ou investigação, pois, ao fazer uma observação nesses espaços, nota-se a necessidade de futuras ações em educação Patrimonial e Educação Ambiental. Sendo assim, a paisagem pode ser um conjunto de elementos naturais e culturais, conseguindo definir paisagem cultural e paisagem

natural. Para SAVER (1998) a paisagem cultural é implantada a partir da paisagem natural, sendo, a cultura o agente, a área natural o meio, e a paisagem cultural, o resultado.

As paisagens naturais e culturais são vistas como patrimônios, desde que elas manifestem importância para tal comunidade, seja essa importância biológica, cultural, arquitetônica, histórica, etc. O significado de Patrimônio refere-se então, a herança cultural e natural de um povo ou uma sociedade (HORTA *et al.*, 1999). Em vista disso, o patrimônio seja ele cultural ou natural, é classificado como riqueza de um povo e deve ser preservado. Porém, para que essa preservação se mantenha é imprescindível o trabalho educativo. Embora os modos de produção sejam particulares, a diferença de cada lugar é resultado de um arranjo espacial, visto que o valor de cada local depende dos níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam em várias escalas, ou seja, o espaço reproduz também uma ordem internacional, o que torna os lugares seletivos ou estranhos para determinados grupos sociais (SANTOS, 1974, p.8).

**Figura 7- Manguezal, um Patrimônio dos moradores do Porto do Açougue**



**Fonte: Alana Andrade**

SANTOS (1978) diz que o tempo não é conceito absoluto, mas uma percepção relativa do indivíduo e não concreta. Dos variados tempos que

existem, o tempo do relógio é totalmente diferente do tempo orgânico, que é o tempo vivido pelos extrativistas.

**“Ainda que o tempo mecânico passe em um certo sentido, acelerar ou ir para trás, como os ponteiros do relógio ou as imagens de um filme, o tempo orgânico se move só em uma direção, através do ciclo do nascimento-crescimento-desenvolvimento-decadência e morte e o passado que já é morto segue presente no futuro que ainda há de nascer” (GONCALVES, 2010, p.106).**

Neste sentido o espaço reproduz a totalidade social na medida em que suas transformações são determinadas por necessidades sociais, políticas e econômicas (SANTOS, 2002, p.33).

Ainda que as populações extrativistas detenham características específicas sobre a cultura, a representação e a concepção no espaço estão manifestadas no conjunto de costumes, hábitos e instituições sociais sobre a natureza, onde os mesmos fazem uso da natureza para a sua sobrevivência. A natureza construída através dessas populações extrativistas favorece um universo científico, em que o saber e o conhecimento tradicional são valorizados, passando por gerações e decorrendo de diferentes formas de explorações sobre a natureza.

**“Para populações pesqueiras costeiras cujos territórios usados são fluídos e não exclusivos. A natureza é o lugar da dádiva, do que é gratuito e dado a todos no suprimento das necessidades básicas. Ela possui então um valor de uso com o objetivo primeiro de sustento da família. Ela pode permitir também a extração de um excedente que permitirá a aquisição de demais bens e serviços mediante circulação de dinheiro. Em trabalho de campo na Baía do Iguape, várias marisqueiras declararam ter conseguido criar seus filhos “graças à maré” (...).**

**A percepção da natureza pelos usuários foi predominantemente de base do sustento familiar. A natureza surgiu também como símbolo de vida, pois ela é e dá vida, ela é as comunidades biológicas e seus habitats assim como a sociedade e sua base de sustento social. Ao reconhecer esses serviços, as populações locais expressam gratidão para com a natureza. Esta representa mais um patrimônio coletivo do que apenas um amontoado de recursos naturais, tal como vista sob uma perspectiva utilitarista pelo modo de produção capitalista. Para os pescadores e marisqueiras, a natureza não é vista como distinta do ser humano, mas englobando este e seu grupo no todo maior que ela é, uma imensa teia de relações (PROST, 2009, p.5).**

Segundo Harvey:

**“A relação afetiva com a natureza se forma através da história resgatada na memória transmitida pela via oral assim como da experiência corporal, apreendendo a realidade através dos sentidos. Esse processo cognitivo se circunscreve em um espaço local, pois se origina na convivência com a natureza através da inserção física do corpo e prescinde de tecnologia que afaste o homem dos elementos naturais. Assim, o espaço local é o terreno das relações sociais de proximidade, base da consciência e da ação política graças à troca de informações e opiniões” (HARVEY, 2006 *apud* PROST, 2009).**

Entretanto, para as populações de matriz tradicional, os recursos naturais são manejados, conservados e extraídos, de maneira que os mesmos garantam sua sobrevivência por longos anos, ou seja, esses recursos são tidos como bens para o uso social e coletivo, das presentes e futuras gerações. O uso do conhecimento tradicional que essas comunidades extrativistas possuem ligados aos dados adquiridos através da metodologia científica, auxilia ou ajudam na elaboração de planos ou projetos de programas de apoio às atividades da pesca artesanal.

**“...a série de fenômenos observados, as ações práticas respondem por um entendimento formulado na experiência das relações com a natureza, informando o processo de acumulação de conhecimento através das gerações. São maneiras diversas de perceber, no âmbito local, de representar e de agir sobre o território, concepções que subjazem às relações sociais. No caso de comunidades marcadas por identidades étnicas, representadas como o “outro”, esses elementos ideológicos e políticos resultam incompreensíveis para o conhecimento técnico-econômico, pelos fortes traços de preconceito e estranhamento” (CASTRO, 1997, p.169).**

Ainda segundo Castro (1997), os saberes são patrimônios, não no sentido privado, e sim no valor de origem que estes saberes carregam que foram herdados e trazidos por gerações. Esses saberes debatem com o modo de vida e o modo de produção das populações. Assim sendo, a identidade dessas populações manifestadas nos saberes, mostram uma relação construída e estável de muitos anos de história e convivência.

### 1.5- O estuário e a RESEX Marinha Baía do Iguape

**Figura 8- Mapa satélite da RESEX**



**Fonte: Google maps**

A RESEX Marinha Baía do Iguape, criada pelo Decreto Presidencial s/nº de 11 de Agosto de 2000, tem como objetivos a conservação do meio ambiente e impulsionar o desenvolvimento sustentável das comunidades extrativistas, unindo o desenvolvimento socioeconômico com a valorização da cultura e das tradições populares. Ela está localizada no estuário do Rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, compreendendo um ecossistema de produção pesqueira intensiva.

O Complexo Lagunar Baía do Iguape é composto pelo conjunto do sistema hídrico que se formou a partir da falha geológica Salvador-Maragogipe, localizado na área de interação da foz do rio Paraguaçu com a Baía de Todos os Santos – BTS. (SANTOS, 2008). Segundo RAMOS (1993) o estuário lagunar que forma a Baía do Iguape, fica localizado na margem Oeste da BTS, entre as coordenadas 38º52' – 38º42' de longitude oeste e 12º46' – 12º52' de latitude sul, englobando uma área de aproximadamente 80km<sup>2</sup> e se difundi com a BTS através do canal de São Roque. A Reserva Extrativista Baía do Iguape se estende sobre 8.117,53 hectares, sendo 2.831,24 de manguezal e 5.286,29 de águas internas brasileiras. Sua criação expressa o reconhecimento do valor ecológico que a área contém, ou

seja, uma valorização de tipo econômico-ecológico, mas igualmente a valorização consagrada pelas populações locais, para as quais o manguezal representa o lócus do seu habitat, de seu trabalho assim como um lugar repleto de significados simbólicos. (PROST, 2010).

A Baía do Iguape sofreu importantes mudanças nas últimas décadas, afetando as comunidades tradicionais que vivem dos recursos marinhos, devido a invasão da água salgada, ocorreram mudanças no ecossistema, refletindo sobre a ictiofauna – conjunto de peixes de uma região, ou ambiente - e a bentofauna.- comunidade de organismos que vive no substrato de ambientes aquáticos.

A área da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape (RESEX) é formada de vários ecossistemas, como os manguezais, as áreas antropizadas, a mata atlântica e as águas interiores. Os manguezais simbolizam um ecossistema de alta magnitude devido sua grande riqueza biológica, embora várias ações feitas ao redor e dentro da própria RESEX causam impacto sobre os ecossistemas e, além disso, afetam a pesca e a mariscagem, atividades exercidas pelas famílias que moram no entorno da baía.

As Reservas Extrativistas – RESEX devem ser dirigidas com a participação assídua das populações tradicionais. O Conselho Deliberativo existe para gerir essas participações, ele é formado por grupos de pessoas, sendo composto pela maior parte de representantes das populações tradicionais. É nesse Conselho Deliberativo que são discutidas as propostas e as decisões são tomadas sobre a administração das formas de vida das pessoas e da natureza que estão no território da Reserva Extrativista.

Além do Conselho Deliberativo, existe outra ferramenta importante para a gestão das RESEX, o Plano de Manejo. Este é um documento onde tem as normas de uso e manejo dos recursos naturais, os programas e os projetos necessários para o funcionamento e a implantação da Reserva Extrativista.

O Conselho Deliberativo da Resex Marinha Baía do Iguape, junto com a luta das populações tradicionais, construíram a Missão e a Visão de Futuro da RESEX. Com a Missão, eles querem dizer o objetivo que as populações tradicionais querem alcançar com a RESEX. E com a Visão de Futuro, eles querem dizer como é que essas populações tradicionais imaginam que a RESEX deverá estar há alguns anos a frente.

Missão da RESEX: Promover a gestão participativa do território pesqueiro para a conservação da sociobiodiversidade da RESEX Marinha Baía do Iguape, como espaço de aprendizado político, de luta e de cidadania, com o fortalecimento das identidades das comunidades tradicionais e das culturas populares.

Visão de Futuro: Ser uma RESEX reconhecida pela sua autonomia, organização e união em defesa de sua missão, com a população tradicional exercendo sua cidadania em prol da garantia da conservação ambiental e do uso sustentável dos recursos naturais.

A instalação da RESEX se fez fundamental e urgente já que a reserva extrativista é uma unidade de conservação, e tem a finalidade de preservar áreas habitadas por populações da região, tendo como base um plano de manejo dos recursos naturais.

Segundo PROST (2007):

**“Deve-se aliar os saberes científicos – os quais podem ser processados e sintetizados em sistemas de informação geográfica, integrando variáveis temporais e espaciais de vários fatores – com os saberes tradicionais. Ao CNPT, cabe facilitar a formação da RESEX solicitadas por comunidades locais extrativistas, assim como consolidar as RESEX existentes através de assessoramento na mobilização popular e no processo de planejamento e gestão” (PROST, 2007, p.5).**

Isso faz referência às populações que fortaleceram sua relação com o meio ambiente, praticando de forma sustentável e tendo como meio ambiente, praticando de forma sustentável e tendo como base seus saberes tradicionais. Saberes esses, que foram adquiridos em longo tempo de convivência com o ambiente físico, mantendo em suas ligações, aspectos visíveis e invisíveis dos materiais simbólicos que soam como algo intangível.

As Reservas Extrativistas Marinhas são espaços de uso sustentável, com o objetivo de “organizar os territórios” das comunidades pesqueiras, contribuindo com os gestores na extração dos recursos marinhos das populações tradicionais. Para PROST (2009): “A proposta das reservas extrativistas se insere em uma lógica na qual a sustentabilidade ambiental se conjuga com aprendizagem e



consolidação da cidadania em várias dimensões: política, através do exercício do poder nas instâncias comunitárias e no Conselho Deliberativo; sócio-econômica, pelo manejo comunitário dos recursos naturais e outros projetos de geração de emprego e renda; cultural com a promoção e valorização de manifestações e práticas locais (PROST, 2009, p.177).

A ideia de criar Reservas Extrativistas em áreas marinhas se deu pelo fato de ser importante para a preservação dessas áreas e dos modos de vida das populações tradicionais, tendo em vista que estas áreas marinhas tem uma localização privilegiada e elevada exploração do turismo e isso torna esses espaços disputados em relação aos seus recursos naturais, as formas de uso do território em questão. Por esse motivo, criar uma reserva extrativista nesses espaços, requer envolvimento e mobilização por parte das populações tradicionais que vivem neles, para juntos enfrentar e solucionar os problemas encontrados.

Inicialmente, Reservas Extrativistas alcançavam apenas áreas florestais, em paralelo, foi estendido esse modelo para abranger as áreas costeiras marinhas, denominando assim, de Reservas Marinhas, para que beneficiassem as comunidades pesqueiras (JÚNIOR et al, 2014). As RESEX Florestais e as RESEX Marinhas Costeiras foram criadas para serem utilizadas por populações extrativistas tradicionais, que utilizam os recursos extrativistas. As duas têm como objetivo primordial proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, garantindo o uso sustentável dos recursos naturais da comunidade (BRASIL, 2000). Porém, essas subcategorias divergem uma da outra, principalmente no que refere à espacialidade geográfica, já que as Resex Marinhas Costeiras abrangem o bioma marinho costeiro, uma transição entre os ecossistemas continentais e marinhos, e as Resex Florestais abrangem áreas terrestres, compostas por seis diferentes biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas (ICMBIO, 2015). Mas, no que refere a Resex Marinho Costeiro, sua criação contribuiu para trazer benefícios às categorias que ficaram reconhecidos às margens das políticas sociais, a exemplo dos pescadores artesanais, populações ribeirinhas e populações tradicionais que residem nas áreas marinhas costeiras (CHAMY, 2004).

### 3- Capítulo II

Neste capítulo, serão abordadas as vivências, lutas diárias e o trabalho das mulheres pescadoras e marisqueiras do Porto do Açougue, que refletem no dia-a-dia a divisão do seu tempo que é dividido entre trabalhar nos manguezais, cuidar do lar, filhos e marido, além desse trabalho se estender no processo de cozimento e catação dos pescados.

#### 1.1-Pesca e Mariscagem

As atividades de pesca e mariscagem exigem (dependendo do tipo de pesca e mariscagem) técnicas e utensílios, como as embarcações usadas nas jornadas de trabalho e os utensílios variados, usados em cada atividade. Citamos o exemplo da pesca artesanal, uma pescaria do setor costeiro e estuarina, que não precisa de muitas tecnologias, é utilizada pequenas embarcações (como a canoas de remo ou vela). A maioria das mulheres marisqueiras e pescadoras desenvolvem essas atividades seguindo a tradição familiar. Como cita DIEGUES, 2004:

**“[...] cerne da própria pesca artesanal: o domínio do saber-fazer e do conhecer que forma o cerne da “profissão.” Esta é entendida como o domínio de um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao pescador se reproduzir enquanto tal. Esse controle da arte da pesca se aprende com “os mais velhos” e com a experiência”. (DIEGUES, 2004, p.87).**

Dentre as principais espécies capturadas pelas marisqueiras, no mangue, podemos destacar o sururu, a ostra e as espécies capturadas nas coroas, destacamos o chumbinho e o mapé.

A jornada diária de trabalho das marisqueiras sempre depende da maré, geralmente elas saem de casa às 5h da manhã e retornam por volta das 13h, quando a maré está enchendo. A maioria delas vai para a maré a pé, isso depende do local que elas irão trabalhar, devido à distância de suas residências para a área de mariscagem.

Os utensílios utilizados pelas marisqueiras na captura dos mariscos são artesanais, feitos por elas, ou seus maridos. Os facões de pequeno porte são utilizados na captura das ostras, os ferros com ponta oval são utilizados na

captura do sururu, na captura do mapé, elas utilizam cavador ou enxadinha, já na captura do chumbinho, é utilizado um “raspador” ou colher de pedreiro. Assim que chegam em casa, as marisqueiras lavam os mariscos, cozinham, catam e armazenam em freezer ou geladeira, para esperar a comercialização ou até mesmo para o consumo próprio.

A mariscagem é uma das atividades de subsistência mais comuns e exercidas no manguezal, com produção direta ligada á maré. Tendo como influência as fases da lua, onde a lua cheia e a lua nova, junto com a maré de vazante são consideradas pelas marisqueiras, melhores porque as águas abrangem uma maior variação e descobrem áreas apropriadas para as coletas dos moluscos (PEDROZA-JÚNIOR, 2002).

Para Diegues, esses conhecimentos “é empírico e prático, combinando informações sobre o comportamento dos peixes, taxonomias e classificações de espécies e habitat, assegurando capturas regulares e, muitas vezes, a sustentabilidade, em longo prazo, das atividades pesqueiras” (DIEGUES, 2004, p.31).

Podemos observar esses conhecimentos durante as atividades da pesca e da mariscagem no Porto do Açougue. Conhecimentos esses, que vão desde o reconhecimento das espécies capturadas, da identificação dos locais que se encontram os pescadores, dos horários para as jornadas de trabalho, entre outros. Observamos também uma característica importante no Porto do Açougue, que várias marisqueiras mais velhas e aposentadas que ainda exercem a profissão no sentido de ensinar esses conhecimentos aos mais novos, não deixando morrer a tradição e também como um complemento na renda familiar.

## 1.2-Mulheres na Pesca

Em meados do século XX para início do século XXI, as mulheres do Brasil conquistaram direitos na sociedade, como o voto, educação, métodos contraceptivos e principalmente sua inserção no mercado de trabalho, através de muitas lutas e reivindicações, onde elas buscavam igualdade nas relações de gênero, pois, as mulheres ainda eram excluídas de alguns setores. A cada dia

novos desafios vão surgindo, principalmente no que diz respeito a esfera doméstica e/ou profissões tipicamente femininas.

**“a questão é que, em boa parte de nossa sociedade, toda mulher é definida a partir de certas características de seu corpo, mas especificamente, a partir da existência de seus órgãos sexuais e reprodutivos. A biologia é o destino, disse-o também, Simone de Beauvoir, querendo com isso que o simples fato de as mulheres terem útero capaz de gestar e parir definida o seu projeto no mundo: a maternidade e seus correlatos, a família e a casa. A partir desse fato básico, seriam construídas as representações da feminilidade e definido o lugar das mulheres no mundo.” (PORTELLA, 2001, p.80).**

Para Oliveira (2007) a divisão sexual do trabalho inclui uma desigualdade, porque os homens estão numa posição que beneficia os homens, onde não existem trabalhos de homem que “mulher não faça”, mas que existem trabalhos de mulheres em que os homens “não podem fazer”, perante uma cultura machista que define as posturas e determina os comportamentos do ser homem e do ser mulher na sociedade. Neste caso, as mulheres estão sujeitas à segunda ordem, em uma posição de desigualdade no mercado de trabalho.

**“De acordo com a concepção materialista, o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, roupa, habitação e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie. A ordem social em que vivem homens de determinada época ou de determinado país está condicionado por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família de outro (...). [Além de ser] uma sociedade em que o regime familiar está completamente submetido às relações de propriedade e na qual têm livre curso as condições de classe e a luta de classes, que constituem o conteúdo de toda a história escrita, até nossos dias”. (ENGELS, 1977, p.2-3).**

De acordo com Ávila, na divisão sexual do trabalho:

**[...] coube às mulheres as tarefas domésticas e aos homens as tarefas produtivas, na prática, mulheres sempre estiveram tanto na esfera da reprodução quanto na esfera da produção, enquanto homens na sua grande maioria mantiveram-se na esfera da produção [...]. (Ávila, 2002, p.39).**

Esse trecho descreve o cotidiano das mulheres de uma maneira geral, principalmente na esfera pesqueira, local onde as desigualdades das relações de gênero são mais disfarçados ou neutralizados.

O trabalho feito pelas mulheres pescadoras e marisqueiras e a divisão sexual do trabalho é um aspecto muito importante para se analisar na vida delas, pois, isso se dá desde o trabalho produtivo, as atividades feitas na pesca e no processo de catação dos mariscos, onde elas recebem pagamentos por prestarem este tipo de serviço. Já no trabalho doméstico, que vai desde a arrumação do lar, ao cuidado da casa, dos filhos e do marido, sendo a única a exercer esse papel pro bem estar da família, sem receber nenhum pagamento por estes serviços.

**“A divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino”. (Brito & Oliveira apud Carloto, 2001, p.3).**

No trecho acima, vimos que a divisão sexual do trabalho tem suas críticas dilatadas sobre a grandeza de gênero, que não se pode mais ignorar ou neutralizar essas explicações no sentido biológico ou ideológico. Portanto, foi a partir da concepção das relações de gênero, sobre a divisão sexual do trabalho, que atestaram as ideologias dentro da divisão social do trabalho, sejam nas representações públicas, privadas, jurídicas, religiosas, etc.

As mulheres marisqueiras e pescadoras sofrem desigualdade de gênero, porém, igualmente aos pescadores, as marisqueiras do Porto do Açougue são cadastradas na Colônia dos Pescadores Z-7 de Maragogipe ou em Associações de Pescadores e Marisqueiras do município, aquelas que estão iniciando na profissão, se encontram em processo de cadastramento, já que a idade mínima para cadastro é 18 anos, mas, algumas crianças já acompanham suas mães, e outras exercem a profissão em casa ajudando no processo de catação dos mariscos. São as chamadas Marisqueiras Catadeiras.

As mulheres, nas últimas décadas tiveram um reconhecimento mais amplo e significativo, com relação a sua atuação nos espaços públicos e privados, o que vem motivando ainda mais para que elas continuem suas práticas no cotidiano. Isto aconteceu devido à autonomia das mulheres, que debateram frente à ordem dos espaços públicos e privados, que eram os responsáveis pela desvalorização do trabalho produtivo feitos pelas mulheres. Todavia, essas conquistas das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho despertaram outras reflexões com relação a sua produção nos espaços das comunidades pesqueiras tradicionais, alterando a ocupação nos espaços públicos. Com isso, é importante que se faça uma avaliação no contexto da divisão sexual do trabalho, as relações de gênero com análise do espaço, apontando de qual modo estas relações são influenciadas nas organizações sociais dentro das comunidades pesqueiras.

Seguindo por essa linha, vimos que a mulher dentro da pesca artesanal cumpre um papel importante, desde a captura dos peixes, crustáceos e mariscos, até à pós-captura, que se dá no processo de tratar/catar os pescados para o consumo ou comercialização, e até mesmo na confecção dos utensílios usados nas atividades de pescaria e mariscagem. Para Maneschky:

**“Muito do que fazem (as mulheres) não se destina ao mercado e não é visto, portanto, como trabalho, mesmo quando se trata de tarefas que permitem aos homens pescar, cozinhar, costurar velas de canoa, confeccionar armadilhas de pesca para o marido e os filhos, fazer o café e o carvão que eles levam a bordo, remendar roupas de trabalho”. (MANESCHY, 2000, p.85).**

É desse jeito, que as mulheres marisqueiras e pescadoras, participam ativamente da pesca, dando sua contribuição para seus filhos e maridos realizarem suas jornadas de pescarias. Sobretudo, essas mesmas mulheres, através das atividades de mariscagem complementam a renda familiar e muitas delas são as responsáveis pelo sustento direto da família e outras que investem todos os seus ganhos arrecadados com as vendas dos mariscos, na melhoria das casas, no pagamento das contas, na educação dos filhos, etc.

### 1.3-Vivências das Mulheres Marisqueiras e Pescadoras

Durante a trajetória dessa pesquisa, o desejo de prosseguir nas buscas sobre as histórias de vida dessas mulheres, remontavam inúmeras perspectivas na construção da história dessas trabalhadoras, assim como as inquietações que iriam surgindo e as reflexões em relação ao processo de ressignificação das temporalidades e situações relatadas no decorrer das entrevistas.

Foram realizadas entrevistas com algumas marisqueiras e pescadoras de idades diferentes, tempo de atuação na atividade variada, e experiências distintas umas das outras, a fim de coletar histórias de vida dentro das vivências advindas dos manguezais, onde elas demonstravam que a história oral são informações capazes de reconstruir um passado recente, já que o contemporâneo também é uma história e legitimando que a história oral também é construção para a história regada ao passado. Além das entrevistas, foram tiradas fotografias com a autorização e consentimento dessas mulheres, para a devida publicação neste trabalho.

Dentre uma história de vida e outra, encontramos algumas pescadoras e marisqueiras que não estão satisfeitas com a profissão, trabalham com a pesca e mariscagem porque não tem outro emprego. A exemplo de Jouse, que tem 35 anos, é solteira, possui o ensino médio completo e exerce a profissão desde seus 13 anos de idade.

**“Não tinha emprego, aí eu comecei mariscar. A gente vai pescar as vezes pra comer e as vezes pra vender, isso é melhor do que trabalhar pros outros, né? Quer dizer, é bom ter um emprego fixo, mas se a gente não tem, tem que ir pra maré, é melhor do que tá se humilhando nas casas de muita gente... Então, eu prefiro trabalhar na maré, mesmo pegando pouco. A desvantagem é que a gente acorda cedo, muitos dias saio de madrugada, corto meu pé, tomo chuva, saio debaixo de sol quente, entendeu? E essas coisas que vem acontecendo hoje em dia, esse negócio de tiroteio, a gente não pode sair, né? A gente vai com medo. Mas até quando Deus quiser, até quando Deus me der vida e saúde, eu tô indo pra maré, com minha irmã.**

**De domingo a domingo eu vou *pá* maré. Eu saio 3h da manhã todo dia e volto 8h do dia, às vezes saio 3h da tarde e chego no outro dia 5h da manhã, eu pesco tudo, pego peixe, camarão, siri, mapé...**

**Eu acho boa a maré, sabe? Eu trabalho desde meus 13 anos, trabalho na maré, mais digo que é um trabalho pesado pra quem tá lá todo dia, sei que é um trabalho pesado mesmo. É bom e não é, porque se hoje a gente tivesse um emprego bom, que não fosse pra tá se humilhando a muita gente, a gente ia poder descansar muito, porque é muito pau a maré, quem tá lá e quem vai, sabe. Mas a gente vive disso, a gente tem que ir mesmo, não tem que escolher não, porque o dinheiro que a gente ganha de maré não é tanto dinheiro, então a gente vive dela mesmo, não tem outra coisa, não tem uma empresa, não tem nada na cidade pra gente viver de outra coisa, então a gente vive nela, a gente aprende a gostar do que faz então eu gosto de ficar na maré. Desde pequena eu vou, sou marisqueira e pescadora, minha família toda é, então eu gosto de ir pescar. É a vida... O dia a dia da gente é esse mesmo, maré todo dia, todo dia, todo dia... De domingo a domingo, e a gente vai se acostumando e tem que viver assim mesmo, até quando Deus quiser.” (Jouse Santos Souza, marisqueira e pescadora, 35 anos).**

Através dos relatos orais e dos momentos vividos e partilhados com essas marisqueiras e pescadoras, adentramos no cotidiano/vivências dessas mulheres, onde elas nos possibilitaram entender seu trabalho nos manguezais, os cuidados e carinho que elas têm com esse ecossistema e suas afinidades e habilidades em trabalhar nesses espaços, nos fazendo entender o quanto é extremamente importante zelar pela manutenção dessa biodiversidade, que é de onde elas tiram o sustento.

Dona Rosângela, mãe de dois filhos, marisca profissionalmente desde os seus 30 anos, antes, mariscava por diversão. Hoje, com 51 anos de idade, sonha com sua aposentadoria.

**“Eu comecei a ir por diversão, pra passear, tomar banho na maré, depois tomei gosto pelo trabalho e comecei a ir mariscar. E por quê? Por necessidade, pois eu não tinha outra renda, eu estudei pouco e tinha dois *filho* para criar, comecei a mariscar para vender. E para mim, mariscar é ótimo, faço com muito amor a minha profissão e as vantagens é porque eu**



tiro meu sustento, vendo para comprar outro tipo de alimento e outras coisas, mas a desvantagem é que o povo joga muito lixo, vidro e nem sempre a gente acha o marisco adequado que a gente queira, em boas condições e também porque o trabalho, *pá*le falar a verdade, é muito cansativo. Eu pretendo continuar pescando e mariscando até eu me aposentar e talvez até após a minha aposentadoria eu ainda posso ir mariscar.

Meus filhos me *ajuda* na catação dos mariscos, mas eu não quero essa profissão *pá* eles, não que seja uma coisa humilhante, porque qualquer trabalho é digno, mas eu como mãe quero uma coisa melhor para meus *filho*. O que eu quero para meus *filho* é uma profissão melhor que a minha, uma condição de vida melhor que a minha, com a bênção de Deus, que eles tenham um futuro melhor do que eu tive. Tenho meu filho que já fez curso técnico, porém ainda não conseguiu um trabalho, infelizmente. Tenho minha filha que tá fazendo faculdade e tá perto de se formar, peço a Jesus que abençoe também, tanto a meu filho quanto a minha filha, um trabalho ou um emprego digno.

Temos que manter a preservação, o local onde trabalhamos limpo. Que é de lá que tiramos o nosso sustento, andamos pelo mangue, então precisamos de ter o mangue limpo e cuidar bem da natureza, então temos que cuidar do mangue, não cortar, não queimar, não jogar lixo e nenhuma sujeira.

Não tenho outra atividade, minha atividade é só pescar, então vou mariscar, faço minhas atividades de casa, comecei a mariscar muito cedo, já tenho mais de 15 anos que marisco. Então eu vou mariscar, quando eu chego escaldo o marisco, cato o marisco e ensaco para vender, além do que eu tiro pro alimento de casa. A venda é feita imediata e também armazeno no congelador, que nem sempre eu vendo tudo no mesmo dia, aí eu armazeno para vender ”. (Rosangela Sena dos Santos, marisqueira, 51 anos).

Figura 9- Rosangela no mangue coletando sururu



Fonte: Alana Andrade

Figura 10- Rosangela no mangue coletando sururu



Fonte: Alana Andrade

Essas entrevistas fomentaram a compreensão dessas mulheres que incansavelmente lutam dia-a-dia nos manguezais em benefício da própria sobrevivência e por melhores condições de vida. De modo relevante, foi possível fazer o registro da rotina dessas mulheres, que relataram suas histórias de vida, suas “labutas”, seus sonhos e desejos, se deixando levar pelos sentimentos

relatando sobre suas histórias divididas entre suas lutas nos manguezais e as tarefas do lar.

Ainda analisando as falas das marisqueiras e pescadoras, observamos nas histórias de vida contadas por elas, que iniciaram na atividade de pesca e mariscagem bem cedo, umas abandonadas pelo marido, tiveram que seguir a vida trabalhando no manguezal para sustentar os filhos. Relatamos a história de Dona Maria Neuza, que iniciou sua jornada aos 8 anos de idade e hoje está com 57, já aposentada.

**“Eu ia para o manguezal com minhas colegas. Ia porque precisava e vivia para sustentar meus filhos porque não tinha ninguém, então...é...separada...não tinha outra renda pra mim, o que tinha e o que eu sabia fazer, era mariscar, que iniciei na mariscagem desde os meus 8 anos de idade. Tinha meus dois filhos, vivia separada do marido, então eu tinha que sustentar eles, eu tinha que viver da maré, meu filhos *tudo* pequeno, entendeu? Mas, graças a Deus que hoje, né? Então, hoje eu agradeço a Deus por eles está lá fora agora, que não era isso que eu queria pra meus filhos, viver de maré, porque eu sei que a maré é muito dura, é duro a gente trabalhar na maré, mas agradecendo a Deus que ali a gente vai pegar um peixe, um marisco, é de graça, a gente vai pegar pra vender e pra comer, então eu agradeço a Deus de hoje meus filhos está fora, trabalhando, porque seria melhor ele fora trabalhando do que na maré e mesmo que ele não fosse ou se ele ficasse aqui e não *arrumasse* um trabalho fora, tudo bem, mas não era isso que eu queria, porque eu sei que é duro trabalhar na maré, entendeu? Viver de pesca é duro, não é mole não, não é fácil não. Mas, hoje eu agradeço a Deus, de Deus abrir uma porta de emprego fora, pra meus filhos.**

Quando eles eram crianças eu não deixava meus filhos irem pra maré comigo, porque eles estudavam e só eu ia, porque eram *pequeno* e eu não queria, viu? Eu não aceitava que eles *fosse* porque tinha medo deles se *cortar*, entendeu? Então eu me jogava, eu me jogava na maré pra sustentar eles, pra dá uma coisa melhor, pra dá o estudo deles, porque hoje eles *está* onde está agradecendo a Deus primeiramente. Deus em primeiro lugar que

hoje eles *tá* fora trabalhando. Não quer dizer também que eles *ficou* aqui sem trabalhar, trabalhava sim, trabalhava de ajudante de pedreiro, trabalhava de pintor, entendeu? Era isso que eles *fazia*, eles também não *ficava parado* não. *Seformaro*, entendeu? E hoje eles *tá formado* agradecendo a Deus, porque se eu não desse em cima deles, se eu não fizesse isso, eles *estaria* como? Na lama do mangue, entendeu? Dando duro aí, e eu só em cima deles pra estudar pra ser alguém na vida e hoje eu creio, né? Que foi Deus que abriu essa porta pra eles e tudo que aconteceu na minha vida e na vida dos meus filhos, eu agradeço a Deus, por tudo.” (Maria Neuza de Oliveira Santos, Marisqueira e pescadora, 57 anos).

As marisqueiras e pescadoras entrevistadas relataram que os locais de pesca são escolhidos antes mesmo de irem para as jornadas de trabalho. A escolha é feita inicialmente de acordo com as espécies que serão capturadas, as distâncias a serem percorridas para chegar nesses locais favoráveis para a realização da pesca e mariscagem, locais onde aparentemente não foram trabalhados por outras pessoas e sempre acompanhando o horário e o tempo da maré.

Dona Rosenilda, de 44 anos, pescadora profissional, mãe de 4 filhos, transmite seus conhecimentos adquiridos ao longo dos 34 anos na vida de pescadora, ao seu filho mais velho, de 25 anos. Ela nos contou que ele é seu companheiro nas jornadas de pescaria.

“A gente acorda 3h da manhã e vai *pá* maré, *dibaxo* de chuva e do relento, mas fazer o que, né? Se a gente *precisa*. Eu vou com meu filho *Miminho*, é ele que me ajuda a jogar rede, a arrastar rede e quando chega aqui, a gente divideo peixe. Meu Pai é pescador, eu ia *pá* maré com ele desde quando eu tinha 10 *ano* de idade, que a gente saiu da roça e veio morar na cidade, não tinha *outo meide* ganho, tinha *q̃ir pá* maré, né?

Eu ensino a meu filho tudo que meu pai me ensinou, tudo que aprendi com ele, eu ensino a meu filho. Quero que ele aprenda porque quando eu não tiver mais aqui, ele vai saber ir sozinho e ter o *meide* ganho dele.

O que a gente mais gosta de pescar é massambê, dá trabalho, mas a gente gosta. O bom é quando a gente puxa e a rede vem cheia de massambê, aí que é alegria. O ruim é porque ele é barato, a gente vende de R\$2,50 e R\$3,00 o quilo, depende se tiver *graúdo*.

Antes da gente ir *pá* maré, a gente decide antes qual lugar que vai ir pescar, porque não é todo lugar que tem peixe. Se for pegar massambê a gente vai *pá* um lugar, se for pegar camarão a gente já vai *pá outro* lugar diferente, é assim que a gente faz, entendeu? E se tiver muita gente *pescanona* naquele lugar, a gente já bota o barco em *outro* lugar. Todo mundo é amigo, todo mundo pesca o mesmo peixe, mas ninguém quer ficar junto do *outro*, porque todo mundo quer pegar o seu...” (Rosenilda Santos Silva, pescadora, 44 anos).

Figura 11- Rosenilda e seu filho tirando peixe da rede



Fonte: Alana Andrade

Figura 12- Rosenilda tirando peixe da rede





Fonte: Alana Andrade

Falar sobre as mulheres trabalhadoras, sobretudo dos manguezais, se dá pelo fato de que, são nas vivências dessas mulheres que estão os saberes tradicionais que elas adquirem através de uma cultura relacionada à questão ambiental que fomenta a valoração da vida, posteriormente conduzindo para a educação de visão sustentável e por melhores condições de vida para a comunidade.

O cotidiano das marisqueiras e pescadoras do Porto do Açougue são corriqueiros. Essas mulheres trabalhadoras do manguezal ainda têm poucas oportunidades para refletirem sobre as desigualdades advindas da sociedade e poucos espaços para assumirem seus papéis na esfera privada. Para isso, é importante que se criem grupos ou associações de mulheres pescadoras e marisqueiras, onde elas possam se reunir, tomando consciência dos seus feitos e fazendo que suas vozes sejam ouvidas.

Além de assumirem todas as tarefas domésticas que se estende na educação dos filhos, (que ainda crianças acompanham suas mães) que de acordo com Moser (1995, p.52), o papel reprodutivo é caracterizado por:

**“Responsabilidades de gestação e criação dos filhos e as tarefas domésticas - na grande maioria realizadas por mulheres – necessárias para assegurar a manutenção e a reprodução da força de trabalho. Não só inclui a reprodução biológica como também a manutenção da força de trabalho (marido/companheiro e filhos trabalhadores) e a futura força de trabalho (crianças, meninos e meninas em idade escolar)”.**

Com isso, vimos que o trabalho doméstico está interligado no trabalho produtivo e nas vivências diárias das marisqueiras e pescadoras, que conforme seus relatos, elas foram destacando as tarefas que realizam no dia a dia relacionados ao trabalho produtivo, sempre remetendo e atribuindo no sentido doméstico.

Devemos salientar o papel feminino como algo extremamente importante no que diz respeito à preservação da tradição, já que as mulheres são educadoras maiores das populações pesqueiras. São as mulheres que carregam os filhos no ventre, parem, amamentam, cuidam e passam a maior parte do tempo com os filhos, sejam em casa ou no manguezal.

Podemos ler abaixo, na fala da Senhora Jucilene, que pesca e marisca desde pequena, iniciando na profissão com 10 anos de idade, indo com seus pais e irmãos. Hoje, mãe de 3 filhos, mesmo sendo contra a vontade dela, seu filho do meio, com 16 anos de idade, já exerce a profissão de pescador. Podemos perceber como essa profissão está sendo transmitida entre as gerações dessa mesma família, onde a senhora Jucilene seguiu o exemplo de seus pais e agora seu filho, exercendo o mesmo ofício que eles, dando continuidade a essa tradição que ele cresceu com o desejo de seguir.

**“Eu estudava e queria ter meu dinheiro pra levar pra escola, aí eu ia pescar com meus pais e meus irmãos pra ganhar o dinheiro e levar, né? A mariscagem é boa quando a maré tá pra peixe, quando a gente vai pescar que pega peixe, mas também tem a parte que a gente vai pescar e não pega nada, né? Eu cresci vendo meus pais trabalharem na maré, eu ia junto com eles, ajudava na maré e quando chegava em casa, eu e minhas *irmã ajudava* minha mãe a cuidar dos mariscos e dos peixes que meu pai pescava.**

**Eu pretendo continuar pescando até quando der, mas não quero que meus filhos  *siga* esse caminho, porque a pesca não tem futuro nenhum não, mas meu filho, hoje com 16 anos de idade, já pesca desde quando era criança.**

**O mangue é importante porque ele nos dá alimento e a melhor forma de conservar é *cuidano*, não *cortanoos mangueverde*, não *jogano* lixo, não**

jogar esgoto no manguezal... Eu vou *pá* maré de canoa, levo de 6 a 8h de relógio lá quando vou pescar massambê, arraia, roubalo, tainha... E eu sempre vou com minhas vizinhas ou com minha irmã.

Eu consegui fazer minha casa só *pescano*, *entrano* em caixa. Entrava em caixa de semana e de mês, aí eu trabalhava a semana toda na maré e pagava a caixa pra depois tirar o dinheiro pra comprar os *bloco*, comprar cimento, areia... Tirei tudo da maré mesmo, trabalhei muito pra fazer, viu? Hoje eu tenho minha casa, mas trabalhei muito na maré, cansei de trabalhar na maré pra fazer uma casa.” (Jucilene Conceição dos Santos, pescadora e marisqueira, 40 anos).

Figura 13- Jucilene tirando os peixes da rede



Foto: Alana Andrade



**Figura 14- Jucilene passando rede, após a pescaria**



**Foto: Alana Andrade**

#### 4- Considerações Finais

A convivência com as pescadoras e as marisqueiras do Porto do Açougue, nos mostrou os desafios enfrentados por elas, na luta enfrentada em cada jornada de trabalho na maré e a realidade vivida por elas. No que diz respeito à atividade da pesca artesanal, atividade de grande importância dentro das reservas extrativistas marinhas, tem bastante influência na economia e na cultura da comunidade pesqueira estudada, dando um aumento na visibilidade da participação/inserção das mulheres nesses espaços.

Essas mulheres marisqueiras e pescadoras são produtoras de uma cultura expansível aos valores baseados nos trâmites ambientais, contribuindo de modo decisivo para a educação e sustentabilidade dos moradores locais relacionados à cidadania, desenvolvimento e gestão participativa. Ainda complementam na transmissão dos seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida a partir de suas práticas discursivas. Tendo em vista as labutas diárias entre enfrentar as dificuldades do dia a dia sobre trabalhar no manguezal, sobre ser mãe, dona de casa, esposa e ainda ser um agente multiplicador e transmissor das suas vivências e seus saberes. Vivências e saberes esses que são passados no ambiente natural em que trabalham e vivem, relacionados à tradição e habitados pela rotina de quem vive na pesca.

Percebe-se o medo que as mães têm no que diz respeito a seus filhos seguirem esta mesma profissão, mas, elas não hesitam em transmitir esses conhecimentos para eles, levando em conta que se os mais novos não aprenderem os ofícios da pesca e mariscagem, um dia essa tradição irá acabar.

Segundo Sen (2010, p.246) as mulheres são vistas cada vez mais, “como agentes ativos de mudança; promotoras dinâmicas de transformações sociais que podem alterar a vida das mulheres e dos homens”.

A atividade de pesca e mariscagem são responsáveis pela renda de muitas famílias que vivem em áreas ribeirinhas e costeiras, a exemplo do Porto do Açougue.

No âmbito da pesca artesanal, sendo uma atividade relevante dentro das reservas extrativistas marinhas, influenciam a economia e a cultura das comunidades pesqueiras tradicionais, esse trabalho buscou dá maior evidência a

atuação das mulheres na construção desses espaços. Por fim, é necessário que as políticas públicas levem em consideração o papel e a importância da mulher, agregando-as no contexto de gênero dentro do cenário mundial, reconhecendo que as mulheres são incrementos para a conservação dos recursos pesqueiros. Vale ressaltar que essas políticas precisam levar em conta a dupla jornada de trabalho exercido pelas mulheres, elas ainda são as responsáveis pela reprodução familiar.

## REFERÊNCIAS

### Orais:

**Iraildes da Conceição Santos Andrade**, 34 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 11/12/2017.

**Leonirdes Santos do Nascimento**, 45 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 26/01/2018.

**Jucilene Conceição dos Santos**, 40 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 23/11/2017.

**Jouse Santos Souza**, 35 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 23/11/2017.

**Maria Neuza de Oliveira Santos**, 57 anos. Pescadora e marisqueira aposentada. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 08/01/2018.

**Rosângela Sena dos Santos**, 51 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 09/01/2018.

**Rosemeire dos Santos Pinheiro**, 30 anos. Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 17/01/2018.

**Rosenilda Santos Silva**, Pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 05/12/2017.

**Veralúcia da Hora Conceição Santos**, 55 anos. Pescadora e marisqueira aposentada. Entrevista cedida a Alana dos Santos Andrade, em 30/11/2017.

### Bibliográficas:

Albuquerque, C. A.; Albuquerque, U. P. 2005. Local perceptions towards biological conservation in the community of Vila Velha, Pernambuco, Brazil. **Interciencia**, **30** (8): 460-465.

AQUASIS, S.M. **Biologia Reprodutiva do Berbigão *Anomalocardia brasiliana* (Mollusca: Bivalvia, Veneridae) na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé (REMAPI), Estado de Santa Catarina**. 203p. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ÁVILA, B.S. O tempo e o trabalho das mulheres. In: COSTA, A. et.al. (Orgs). **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. Editora CUT Brasil. São Paulo, 2002.

BARBIER, E.B., COX, M. Does economic development lead to mangrove loss? A crosscountry analysis. **Contemp. Econ. Policy** 21, 418-432. 2003.

BARBIER, E.B., Valuing ecosystem services as productive inputs. **Econ. Policy** 22, 177-229, 2007.

BARBIER, E.B.; ACREMAN, M.Y.; KNOWLER, D. **Valoración económica de los humedales-Guía para decisores y planificadores**. Oficina de la Convención de Ramsar, Gland, Suiza; 155p., 1997.

BRASÃO, Maria de Fátima Fernandes. Cotidiano e trabalho das marisqueiras e catadeiras de Valença-BA. (1960-2000). / Maria de Fátima Fernandes Brasão. Valença-Bahia [s.n.], 2011.

BRASIL. **Conselho Nacional do Meio Ambiente**. Resolução nº 357 de 2005.  
BRASIL. **Lei nº 11.958 de 26/06/2009**. Dispõe sobre a transformação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República em Ministério da Pesca e Aquicultura.

CARDOSO, E.S. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social**. 143f. : Tese (Doutorado) em Geografia Física-Universidade de São Paulo, 2001.

CARNEIRO, Marcos Antônio Bezerra; FARRAPEIRA, Cristiana Maria Rocha; SILVA, Karla Maria Euzébio da. O manguezal na visão etnoecológica dos pescadores artesanais do Canal de Santa Cruz, Itapissuma, Pernambuco, Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, V. 21, n.4, p.147-155, jan.2008. ISSN2175-7925. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2008v21n4p147/18816>. Acesso em: 13 de dez 2017.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz e Terra, 1999.

CHAMY, Paula. Reservas Extrativistas Marinhas como instrumento de reconhecimento do direito consuetudinário de pescadores artesanais brasileiros sobre territórios de uso comum. In: 10º CONGRESO BIENAL DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL PARA EL ESTUDIO DE LA PROPIEDAD COLECTIVA (IASCP), 2004, Oaxaca. **Anais...** Oaxaca, 2004.

CITRÓN, G.; SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Introducción a la ecología del manglar. UNESCO-ROSTLAC (Oficina Regional de Ciência y Tecnología de la Unesco para América Latina y el Caribe** / Regional Office for Science and Technology for Latin America and the Caribbean), Montevideo, Uruguay, 1983, p.109.

COSTA-NETO, E.M.; MARQUES, J.G.W. Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Siribinha, município de Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etologia dos peixes. **Acta Scientiarum**, 22 (2): 553-560, 2000.

CUNHA, L.H.O. Saberes patrimoniais pesqueiros. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 7: 69-76, 2003.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ed. Ática, 1983.

DIEGUES, A.C. Comunidades Litorâneas e os Manguezais no Brasil. **Anais do II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira: Estrutura, Função e Manejo**. ACIESP, 1990.

DIEGUES, A.C. **Comunidades Litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: Convivência e Conflitos**. O caso de Guaraqueçaba, Paraná. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.

DIEGUES, A.C. **Ecologia Humana e Planejamento Costeiro**, 2001b.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S. V; SILVA, V.C. F; FIGOLS, F.A. B; ANDRADE, D. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil: Os saberes tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. NUPAUB-USP, PROBIO-MMA, CNPq, São Paulo, 1999b. etnoconservacionista. *Sitientibus, Série Ciências Biológicas*, v. 6, p.98-105, 2006.

FIGUEIREDO, Marina. **A mariscagem e a conservação dos manguezais na reserva extrativista marinha (resex) da Baía do Iguape-BA**. 2010. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FRANÇA, Carlos Alberto de Moraes.

FREITAS, Simone T. *et. al.*, **Conhecimento Tradicional das Marisqueiras de Barra**

GONÇALVES, Carlos Walter. **O Desafio Ambiental**. Rio de Janeiro/São Paulo: editora Record, 2004. V.1. 179p.

**Grande, Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba Piauí, Brasil**. 2012.

JÚNIOR, Sebastião Rodrigues da Silva et al. Conservação dos recursos naturais, práticas participativas e institucionalização: reserva extrativista de Caeté-Taperaçu/Amazônia brasileira. **Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.18, n.477, mai.2014.

LACERDA, L.D. Os Manguezais do Brasil. In: VANNUCCI, M. **Os Manguezais e Nós: Uma Síntese de Percepções**. Versão em português Denise Navas-Pereira. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MANESCHY, M.C. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi**. Série Antropológica, v. 11, n. 2, 1995.

MANESCHY, M<sup>a</sup> Cristina. Da casa ao mar: os papéis das mulheres na construção da pesca responsável. **Proposta**, v. 84/85, p.82-91, 2000.

Manguezal de Acupe, Santo Amaro, Bahia. *Revista de Gestão Costeira Integrada*,

marisqueiras no manguezal de Acupe, Santo Amaro, Bahia: uma abordagem

MARTINS, V. S. Conhecimentos Etnoecológicos na mariscagem de moluscos bivalves no manguezal do distrito de Acupe, Santo Amaro-BA. *Biotemas*, v. 22, n. 4, p.207-218, 2009.

MARTINS, V. S.; SOUTO, F. J. B. Uma análise biométrica de bivalves coletados por

MOSER, O.N.C. **Planificación de gênero: teoria, prática & capacitação**. Edição Red entre mujeres / Centro Flora Tristancentro de lamujer peruana, 1995. n. 2 Manguezais do Brasil, 2009.

NOGUEIRA, C.M. **A feminização no mundo do trabalho**. Campinas: Autores Associados, 2004.

*Oceanográfico*, v.7, p.1-16, 1989.

ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara. Koogan, c1988. 434p.

ODUM, E.P. **Fundamentos de Ecologia**. 7ª ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2004.

Percepção ambiental da comunidade do distrito de Nagé, no município de Maragogipe, Bahia, sobre o Rio Paraguaçu / Carlos Alberto de Moraes França. – Salvador, 2014. 103f.

PILIACKAS, J.M., BARBOSA, L.M.; CATHARINO, E.L.M. 2000. **Levantamento das epífitas vasculares do manguezal do Rio Picinguaba**, Ubatuba, São Paulo. In: S. Watanabe (ed.). *Anais... 5º SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS BRASILEIROS*. ACADEMIA DE Ciências do Estado de São Paulo, São Paulo, v.2, pp.357-363.

PINHEIRO, L. Gênero e divisão de trabalho na pesca artesanal de arrastão de praia, litoral do Paraná. **Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder**, v.8, p.1-7, 2008.

PINSKY, Carla Bassanizi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, v.17, n.1, p.159-189, 2009.

PINTO, G.A. **A organização do trabalho no século XX: taylorismo, Fordismo, Toyotismo**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PORTELLA, A.P; SILVA, C; FERREIRA, S. **Mulher e trabalho na agricultura familiar**. Recife: SOS Corpo-Gênero e Cidadania, 2004.

PROST, Cathérine. *Resex marinha versus polo naval na Baía do Iguape*. **Novos cadernos NAEA** .v. 13, n. 1, p.47-70, jul. 2010.

PROST, Catherine. Troca de saberes tendo em vista uma gestão ambiental participativa. **Geotextos**, v.5, n.1, p.165-179, 2009.

PROST, Catherine.; VERGARA, Filho Waldemar. **As reservas extrativistas (RESEX): uma proposta de gestão ambiental participativa.** In: VII Congresso Latinoamericano de sociologia rural, 2007. Anaisdo VII Cong. Latinoamericano de sociologia rural. Quito: ALASRU. CDRom.

PUENTE, Marino – Andrés Andrés. **Enciclopédia do Estudante: Ecologia** [tradução Nelson Caldini Junior]. – 1.Ed. – São Paulo: Moderna, 2008. – (Enciclopédia do Estudante; 3).

ROBERTSON, A: I., & DUKE, N.C. Mangrove fish communities in tropical Queensland, Austrália: spatial and temporal patterns in densities, biomass and community structure. **Mar : Biol.** 104: 369-379. 1990.

RÖNNBACK, P. The ecological basis for economic value of seafood production supported by mangrove ecosystems. **Ecological Economics**, v. 29, p.235-252, 1999.

ROSÁRIO, Gerusa Jesus do – Marisqueiras e Pescadoras: Cultura e Educação Rumo à Sustentabilidade. 2010.

SÁ, Osvaldo, “Maragogipe, uma proposta de ação”. IPAC-Salvador, 1984.

SAFFIOTI, H.I.B. **Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero.** In: Seminário: Mulher em Seis Tempos, Araraquara, 1991. P.144-176.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec 2002. 400p.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar. **Caribbean Ecological Research**, São Paulo, Brasil, 1995.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. O papel ecológico e sócio-econômico dos manguezais. In: AQUASIS. **A zona costeira do Ceará-diagnóstico para a gestão integrada.** Pouchain Ramos, Fortaleza. 2003. 293p.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. Perfil dos ecossistemas litorâneos brasileiros, com especial ênfase sobre o ecossistema manguezal. Publicação Especial do Instituto SEM, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, E.F. **Manguezal** do Extremo Sul da Ilha de Itamaracá-Ecossistema Estuarino do Litoral Norte do Estado de Pernambuco. In: REUNIÃO ESPECIAL DA SBPC: ECOSSISTEMAS COSTEIROS, DO CONHECIMENTO À GESTÃO, 3, 1996, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 1996, nº 018, p.313.

SILVA, L.G. **Os Pescadores na História do Brasil.** (Colônia e Império) 1ed. Petrópolis: vozes, 1988.v.1, 168p.

SOUTO, F. J. B.; MARQUES, J. G. W. “A vida do grande é comer o pequeno”: Conhecimento sobre interações tróficas por pescadores artesanais no



SOUTO, Francisco José B. **A ciência que veio da lama: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia.** 2004. 319f. Tese (Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.

THOM, B.G. Mangrove Ecology and deltaic geomorphology. Tabasco, Mexico. **JouenalEcology**, nº 55, pg.301-343. 1967.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Cia das Letras, 2002.

TOMLINSON, P.B., 1986. **The botany of mangroves.** University Press, Cambridge, 419 pp, 1986.

VANNUCCI, Marta. **Os manguezais e nós.** São Paulo: EDUS. 2003. 304p.

VIEIRA, André de Ridder. **Cadernos de Educação Ambiental Água para Vida, Água para Todos.** Brasília: wwf-Brasil, 2006.

WALTERS, B.B., RÖNNBACK, P., KOVACS, J.M., CRONAB., HUSSAIN, S.A., BADOLA, R., PRIMAVERA, J.H., BARBIER, E., DAHDOUH-GUEBAS, F. Ethnobiology, socio-economics and management of mangrove forests: A review. **Aquatic Botany** 89: 220-236. 2008.

WORTMANN, H.F. **Da Complementariedade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste.** Série Antropologia. Brasília, 1991.

